

FICHA TÉCNICA

Título original: *Adrian Mole: The Wilderness Years*

Autora: *Sue Townsend*

Texto © Sue Townsend, 1993

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Maria do Carmo Figueira*

Capa: *Patrícia Furtado*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

10.ª edição, Lisboa, julho, 2014

Depósito legal n.º 377 763/14

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para as minhas irmãs, Barbara e Kate

«O que já passou e não pode ser remediado
Não deve ser chorado.»

WILLIAM SHAKESPEARE
O Conto de Inverno

INVERNO

TERÇA-FEIRA, 1 DE JANEIRO DE 1991

Começo o ano com a cabeça a latejar e as pernas a tremer, devido à quantidade excessiva de álcool que fui obrigado a beber na festa da minha mãe ontem à noite.

Eu não me importava nada de ter ficado sentado a bebericar um refrigerante pouco calórico e a ver as pessoas a dançar, mas a minha mãe não parava de me gritar: «Junta-te à malta, ó cara de parvo!», e não descansou enquanto eu não bebi um copo e meio de *Lambrusco*.

Quando estava a servir-me o vinho num copo de plástico, olhei para ela com atenção. Tinha os lábios rodeados de pequenas linhas que faziam lembrar uma infinidade de rios a desembocar num lago escarlate; o cabelo era ruivo e brilhante quase até ao couro cabeludo, mas depois havia uma camada cinzenta que revelava a verdade. Tinha o pescoço cheio de peles, o peito enrugado e a barriga espetada dentro do vestido preto curto (*muito* curto mesmo). A pobre mulher tem quarenta e sete anos, mais vinte e três do que o seu segundo marido. Tenho a certeza absoluta de

que ele, Martin Muffet, *nunca* a viu sem maquilhagem. As franhas das almofadas dela ficam sempre um nojo, cheias de base e rímel.

Não demorou muito até eu dar comigo na pista de dança improvisada na sala da minha mãe a dançar a *Canção dos Passarinhos* numa fila com a Pandora, o grande amor da minha vida; o novo amante dela, o professor Jack Cavendish; o Martin Muffet, o imberbe do meu padrasto; o Ivan e a Tania, os boémios dos pais da Pandora; mais uma data de amigos e conhecidos da minha mãe — todos com os copos. Quando a canção estava a chegar ao clímax, vi a minha imagem no espelho por cima da lareira. Estava a abanar os braços como se fossem asas e com um sorriso de louco. Parei imediatamente e voltei para a cadeira. O Bert Baxter, que fez cem anos no ano passado, estava a tentar dançar com a cadeira de rodas, provocando alguns acidentes: ainda tenho o tornozelo esquerdo negro e inchado, por causa da falta de cuidado dele. E também tenho uma grande nódoa de beterraba na parte da frente da minha camisa branca nova, por ele ter atirado uma das suas sandes de beterraba pelo ar, pensando que era um saco de confetes. Mas como quase de certeza o tonto do velho vai morrer este ano — já recebeu o telegrama da rainha — não vou obrigá-lo a pagar-me a limpeza a seco de que a camisa vai precisar.

Há mais de dez anos que tomo conta do Bert Baxter. Venho de propósito de Oxford para o ver, para lhe comprar aqueles cigarros nojentos que ele fuma, para lhe cortar as unhas dos pés que são um horror. Quando é que isto acaba?

O meu pai apareceu sem ser convidado às onze e meia da noite. A desculpa que arranjou foi que tinha de falar urgentemente com a minha avó. Como ela está terrivelmente surda, ele tinha de gritar para se fazer ouvir por cima da música: «Mãe! Não consigo encontrar o nível.»

Que desculpa mais patética! Quem é que ia precisar de um nível na noite da passagem do ano? Só se fosse um canalizador chamado para uma emergência. Era um pedido lamentável de um divorciado solitário de quarenta e nove anos com um fato azul de meados da década de 1980 a precisar de ser limpo e uns *mocassins* castanhos a precisarem de ir para o lixo. Tinha penteado o melhor possível o cabelo que lhe restava, mas o resultado era deplorável.

«Não faz ideia de onde é que o nível possa estar?», insistiu o meu pai a olhar para a mesa das bebidas. Depois acrescentou: «Ando a assentar uns mosaicos.»

A mentira era tão óbvia que desatei a rir à gargalhada.

A minha avó, com um ar espantado, voltou para a cozinha para ir pôr os folhados de salsicha no micro-ondas, e a minha mãe teve a simpatia de convidar o ex-marido para ficar na festa. Passado pouco tempo, ele já tinha tirado o casaco e estava a dançar com a minha irmã Rosie de oito anos. Fiquei extremamente envergonhado ao ver a maneira de dançar do meu pai (o ídolo dele continua a ser o Mick Jagger), e por isso resolvi ir lá acima mudar de camisa. No caminho cruzei-me com a Pandora e com o Barba Azul do Cavendish, que se abraçavam apaixonadamente meio enfiados na despensa. Ele tem idade para ser pai dela.

A Pandora é minha desde que, aos treze anos, me apaixonei pelos seus cabelos cor de mel. Mas ela gosta de se fazer difícil. Só se casou com o Julian Twyselton-Fife para me fazer ciúmes. É a única razão possível. O Julian é um semiaristocrata bissexual que às vezes anda de monóculo. Esforça-se para ser excêntrico, mas não consegue. É um homem perfeitamente vulgar que fala como se fosse muito fino. Nem sequer é bonito. Parece um cavalo em cima de duas pernas. E quanto ao romance dela com o Cavendish, um tipo que se veste como um vagabundo, não dá para perceber.

A Pandora estava particularmente bonita com um cai-cai vermelho, do qual os seios estavam sempre a ameaçar sair. Quem olhasse para ela, nunca imaginaria que agora é a professora Pandora Braithwaite, fluente em russo, servo-croata e em várias outras línguas menos utilizadas. Parecia mais uma daquelas modelos que desfilam nas passarelas do que uma senhora doutorada em Filosofia. Ela dava definitivamente algum brilho à festa, ao contrário dos pais, que, como de costume, estavam vestidos à moda dos *beatniks* da década de 1950, com camisolas de gola alta e calças de bombazina. Não admira que estivessem ambos a suar desalmadamente enquanto dançavam ao som do Chuck Berry.

A Pandora sorriu para mim ao mesmo tempo que tornava a meter para dentro do cai-cai o seio esquerdo, e fiquei com o coração destroçado. Amo-a tanto! Estou disposto a esperar até ela recuperar o bom senso e perceber que só há um homem no mundo para ela e que esse homem sou *eu*. Foi por isso que fui atrás dela para Oxford

e que decidi ficar temporariamente a morar num cubículo em casa dela. Já lá estou há ano e meio. Quanto mais a expuser à minha presença, mais depressa ela acabará por descobrir qualidades em mim. Tenho passado por humilhações diárias, sendo obrigado a vê-la com o marido e com os amantes, mas hei de colher os frutos mais tarde, quando ela for a mãe orgulhosa dos nossos seis filhos e eu for um escritor famoso.

Quando o relógio bateu a meia-noite, toda a gente deu as mãos e cantou o *Auld Lang Syne*. Fui olhando à volta, para a Pandora, para o Cavendish, para a minha mãe, para o meu pai, para o meu padraсто, para a minha avó, para os pais da Pandora, o Ivan e a Tania Braithwaite, e para o cão. Vieram-me as lágrimas aos olhos. Pensei: «Tenho quase vinte e quatro anos e o que é que eu fiz da minha vida?» E, quando a canção estava a acabar, respondi a mim mesmo: «Nada, Mole, nada.»

A Pandora queria passar a primeira noite do ano em Leicester, em casa dos pais, com o Cavendish, mas, à meia-noite e meia, lembrei-a de que ela e o velho do amante tinham prometido dar-me boleia para Oxford. Disse-lhe: «Pego ao serviço no Ministério do Ambiente daqui a oito horas. Às oito e meia em ponto.»

Ela respondeu: «Por amor de Deus, não podes tirar uma porcaria de um dia? Tens de te curvar assim tanto perante aquele ditadorzeco do Brown?»

Respondi, com um tom que espero que tenha sido de dignidade: «Sabes, Pandora, há pessoas que cumprem a sua

palavra, ao contrário de ti, que na quinta-feira, 2 de junho de 1983, prometeste casar comigo assim que acabasses os exames.»

A Pandora deu uma gargalhada, entornando o uísque puro que tinha no copo. «Eu tinha dezasseis anos», disse ela. «E tu tens estado parado no tempo.»

Ignorei o insulto. «Dás-me boleia para Oxford como prometeste ou não?», perguntei com brusquidão, enquanto limpava as gotas de uísque que lhe tinham caído no vestido com um guardanapo de papel com desenhos de renas.

A Pandora gritou para o Cavendish que estava do outro lado da sala a conversar com a minha avó sobre a falta de apetite do cão: «Ó Jack! O Adrian está a insistir na boleia para Oxford!»

O Barba Azul revirou os olhos e depois viu as horas. «Será que dá tempo para beber mais um copo, Adrian?», perguntou-me.

«Dá, mas só se for de água mineral. Vais a guiar, não vais?», respondi-lhe.

Ele tornou a revirar os olhos e pegou numa garrafa de *Perrier*. O meu pai foi ter com ele e puseram-se os dois a conversar sobre Os Bons Velhos Tempos, em que podiam beber dez cervejas no *pub* e depois meter-se no carro e ir a guiar para casa «sem terem a Polícia à perna».

Eram duas da manhã quando finalmente saímos de casa da minha mãe. Ainda tivemos de passar por casa dos Braithwaite para ir buscar a mala com uma muda de roupa da Pandora. Ia sentado no banco de trás do *Volvo* do Cavendish a ouvir

as banalidades que eles trocavam entre si. A Pandora chama-lhe «Borracho», e o Cavendish chama-lhe «Macaquinha».

Acordei quando estávamos quase a chegar a Oxford e ouvi-a sussurrar: «Então, o que é que achaste da festa na *maison* dos Mole, Borracho?»

Ouvi-o responder: «Deliciosamente vulgar, Macaquinha, tal como me tinhas prometido. Diverti-me imenso.» Olharam ambos para trás, e eu fingi que estava a dormir.

Comecei a pensar na minha irmã Rosie, que, na minha opinião, é uma criança completamente mimada. A cabeça para fazer penteados que tinha pedido que lhe dessem no Natal tinha ficado abandonada no peitoril da janela da sala desde o dia a seguir ao Dia de Natal, a olhar para o jardim igualmente abandonado. O cabelo louro da boneca estava irremediavelmente embaraçado e a cara toda esborratada com cosméticos de cores berrantes. A Rosie tinha andado a dançar com o Ivan Braithwaite de uma maneira completamente imprópria para uma menina de oito anos. Pareciam a Lolita e o Humbert Humbert.

Nabokov, meu caro colega, devias estar vivo naquele dia. Até tu terias ficado chocado se tivesses visto a Rosie a fazer beicinho, com uma minissaia preta, uns *collants* cor-de-rosa e um *top* roxo!

Decidi escrever um diário, na esperança de que a minha vida possa parecer mais interessante depois de escrita. É porque vivida não tem nada de interessante. É do mais chato que se pode imaginar.

QUARTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO

Esta manhã cheguei ao trabalho com dez minutos de atraso. Caiu o tubo de escape do autocarro. O Sr. Brown não foi nada compreensivo. Disse-me que devia arranjar uma bicicleta. Respondi-lhe que me tinham roubado três bicicletas em dezoito meses. Não tenho dinheiro para continuar a abastecer os ladrões de Oxford com um meio de transporte ecológico.

O Brown retorquiu, num tom ríspido: «Então, *venha a pé*, Mole. Levante-se mais cedo e *venha a pé*.»

Fui para o meu cubículo e fechei a porta. Tinha uma mensagem em cima da secretária a informar que tinha sido descoberta uma colónia de tritões em Newport Pagnell. O seu *habitat* estava situado na circular projetada para a cidade. Telefonei para a Direção-Geral do Ambiente do Ministério dos Transportes e avisei um tal Peter Peterson de que os trabalhos na circular podiam vir a sofrer atrasos.

«Mas isso é completamente ridículo», disse o Peterson. «Iria custar centenas de milhares de libras alterar o traçado da estrada só para salvar uns quantos répteis nojentos.»

Também é essa a minha opinião sobre tritões. Metem-me nojo. Mas pagam-me para defender perante as outras pessoas o seu direito a sobreviverem, e por isso tive de fazer ao Peterson o sermão do costume sobre a preservação dos tritões (e aproveitei para lhe chamar a atenção para o facto de os tritões serem anfíbios e não répteis). Passei o resto da manhã a fazer o relatório do caso de Newport Pagnell.

À hora do almoço saí do ministério para ir buscar o meu casaco à lavandaria. Tinha-me esquecido de levar o talão. (Estava em casa a servir de marcador no livro *The Outsider*, de Colin Wilson, que, aliás, nasceu em Leicester tal como eu.)

A senhora da lavandaria recusou-se a dar-me o casaco, apesar de eu lho ter apontado no cabide, alegando que o casaco tinha um emblema da Legião Britânica e que era demasiado novo para pertencer à Legião Britânica.

Ouvi o estudante que estava atrás de mim rir-se à socapa.

Furioso, gritei para a mulher: «É óbvio que se sente muito orgulhosa do seu jeito para detetive. Porque é que não escreve um episódio do *Inspetor Morse* para a televisão?» Mas a piada era tão pedante que se perdeu.

O estudante avançou e pôs à frente dela um edredão malcheiroso, perguntando se podia ir buscá-lo daí a quatro horas.

Não tive outro remédio senão ir a casa buscar o talão, voltar à lavandaria e depois ir a correr para o emprego com o casaco, envolto em plástico, ao ombro. Logo à noite vou sair pela primeira vez com uma rapariga e tenho de levar o casaco.

O meu último encontro com uma rapariga acabou prematuramente quando Sandra Snape (não fumadora, vinte e cinco anos, vegetariana, cabelo escuro, olhos castanhos, um metro e sessenta e não desajeitada de todo) saiu à pressa do Burger King a dizer que tinha deixado a chaleira ao lume. Estou convencido de que a chaleira foi uma desculpa. Quando voltei para casa nessa noite, descobri que a baihna do meu sobretudo da tropa estava descosida atrás. As mulheres não gostam de desmazelos.

Cheguei ao emprego vinte e cinco minutos atrasado. O Brown estava à minha espera no meu cubículo. Atacou-me com o número de tritões que eu tinha escrito no relatório de Newport Pagnell. Ao que parece, tinha-me enganado na previsão do número de tritões que nasceria com vida em 1992. Em vez de mil e duzentos, tinha escrito cento e vinte mil. É um erro fácil de se fazer.

«Com que então, cento e vinte mil tritões em 1992, ó Mole?», disse ele, a gozar. «Os cidadãos de Newport Pagnell vão ficar completamente inundados de anfíbios.»

Deu-me uma repreensão registada pelos meus atrasos e mandou-me regar o gato. Depois voltou para o gabinete dele com os meus papéis. Se perder o emprego, estou feito.

11.30 da noite. A rapariga que eu ia conhecer não apareceu. Esperei duas horas e dez minutos no Burger King do centro da cidade. Obrigadinho, Tracy Winkler (loura, discreta, vinte e sete anos, não fumadora, gatos e passeios pelo campo)! É a última vez que escrevo para um apartado do *Oxford Mail*. A partir de hoje, passo a usar só a coluna pessoal da *London Review of Books*.

QUINTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO

Tenho problemas horríveis com a minha vida sexual. No fundo, resume-se tudo ao facto de *não ter* vida sexual. Pelo menos com outra pessoa.

Esta noite estive que tempos acordado a perguntar a mim mesmo porquê? Porquê? Porquê? Será que sou grotesco, sujo, repelente? Não, não sou nenhuma dessas coisas. Será que tenho um aspeto normal, aseado e agradável? Sim, claro que tenho. Então o que é que eu ando a fazer de errado? Porque é que não consigo trazer uma jovem mediana para a minha cama?

Será que tenho algum cheiro repelente, que toda a gente nota menos eu? Se for esse o caso, só espero que alguém me diga, para poder ir a um especialista em glândulas.

Hoje às três da manhã o meu sono foi perturbado pelo barulho de uma violenta discussão. Não é nada de extraordinário, porque esta casa alberga muita gente, na sua maior parte estudantes barulhentos e bêbedos, que ficam a noite toda a pé a debater as qualidades das várias marcas de cerveja. Desci a escada em pijama e cheguei lá abaixo no preciso momento em que o Tariq, um estudante iraquiano que vive na cave, estava a ser levado por um grupo de homens com ar de criminosos.

O Tariq gritou: «Salva-me, Adrian!», e eu disse a um dos homens: «Larguem-no, senão chamo a Polícia.»

«Nós *somos* da Polícia», disse um deles, que tinha o nariz partido. «O seu amigo vai ser expulso do país por ordem do Ministério da Administração Interna.»

A Pandora apareceu ao cimo das escadas da cave. Tinha acabado de sair da cama e não trazia quase nada vestido. Perguntou com o seu ar mais autoritário: «Porque é que o senhor Aziz vai ser expulso?»

«Porque a presença do senhor Aziz não serve o bem público, por razões de segurança nacional. Não sabe que está a haver uma guerra?», disse o que tinha o ar mais rufião, de olhos postos na camisa de noite de cetim de Pandora, através da qual se via perfeitamente o contorno dos mamilos.

O Tariq gritava: «Ando no Brasenose College e sou membro da Juventude Conservadora: não quero saber da política para nada!»

Não podíamos fazer nada para o ajudar, e por isso eu e a Pandora voltámos para a cama. Infelizmente, não para a mesma cama. Sorte malvada.

Às nove horas da manhã seguinte, telefonei para o senhorio, Eric Hardwell (liguei-lhe para o telefone do carro), e perguntei-lhe se podia mudar-me para o apartamento da cave que agora estava vazio. Estou farto de viver naquele quarto minúsculo em casa da Pandora. O Hardwell estava maldisposto, porque estava preso num engarrafamento, mas concordou, desde que eu lhe desse uma caução de mil libras, lhe pagasse três meses de renda adiantados (mil e duzentas libras), lhe desse uma garantia bancária e uma carta de um advogado a declarar que não acenderia velas, não utilizaria uma fritadeira nem faria criação de *pitbull terriers* na cave.

Vou ter de continuar aqui no cubículo. Preciso de utilizar todos os dias a fritadeira.

O Lenine tinha razão: todos os senhorios são uns sacanas.

No noticiário das dez vi uma pessoa parecida com o Tariq a entrar para um tritão com destino ao Golfo e a dizer adeus. Também lhe disse adeus, para o caso de ser ele.

Correção: Claro que queria dizer que vi o Tariq a entrar para um *avião*.

SEXTA-FEIRA, 4 DE JANEIRO

Acordei às cinco da manhã e não consegui tornar a adormecer. O meu cérebro insistia em recordar todas as humilhações do meu passado. Desfilaram uma a uma à minha frente: os maus-tratos que sofri do Barry Kent até a minha avó ter posto um ponto final nisso; aquele dia em Skegness em que o meu pai nos deu a notícia, a mim e à minha mãe, de que tinha tido um filho ilegítimo, o Brett, da amante, a Gafanhoto; o dia negro em que a minha mãe fugiu para Sheffield para um romance de curta duração com o Sr. Lucas, o bajulador do nosso vizinho; o dia em que soube que tinha chumbado pela terceira vez a Biologia; o dia em que a Pandora se casou com um bissexual.

Depois das humilhações, vieram os *faux pas*, num cortejo inexorável: o dia em que snifei cola e fiquei com um avião de montar colado ao nariz; o dia em que a minha irmã Rosie nasceu, e eu não consegui tirar a mão do frasco do esparguete, onde estava guardada a nota de cinco libras para o táxi para ir ter com ela; o dia em que escrevi ao Sr. John Tydeman da BBC e o tratei por «Johnny».

Ao cortejo dos *faux pas* seguiu-se o desfile dos momentos de cobardia moral: aquela vez em que atravessei a rua para não me cruzar com o meu pai por ele ir com um gorro com um pompom vermelho; a vergonha que tive quando a minha mãe teve um ataque de histeria por causa da menopausa em pleno mercado de Leicester (não devia ter ido esconder-me atrás da banca das flores); o dia em que tive uma crise de ciúmes e rasguei os convites para a primeira apresentação profissional do Barry Kent nos círculos da poesia e atirei com as culpas para o cão; a forma como abandonei a Sharon Bott quando ela me disse que estava grávida.

Odeio-me. Mereço a minha infelicidade. Sou uma pessoa verdadeiramente asquerosa.

Fiquei aliviado quando o despertador me acordou dos meus pensamentos sombrios, avisando-me de que já eram seis e meia e de que estava na hora de me levantar.

Mamilos por A. Mole

Como amoras
tiradas do congelador
Convidando língua e lábios
mas recusando ser mordidos
Ainda não
em breve
Mas ainda não

Tenho horário flexível e combinei entrar às sete e meia, mas, sem saber como, embora tenha saído do quarto às sete,

só cheguei ao emprego às oito. Demorei uma hora a andar muito menos de um quilómetro. Onde é que eu terei ido? O que é que teria andado a fazer? Terei desmaiado? Terei sido assaltado e perdido os sentidos? Será que, neste momento em que estou a escrever, estou a sofrer de amnésia?

A Pandora está constantemente a dizer-me que preciso urgentemente de ajuda psiquiátrica. Talvez tenha razão. Sinto-me como se estivesse a enlouquecer; é como se a minha vida fosse um filme, e eu um simples espectador.

SÁBADO, 5 DE JANEIRO

O Julian, o marido fino da Pandora, voltou da província, onde foi passar o Natal com os pais. Quando entrou no apartamento, todo ele estremeceu.

«Credo!», disse ele. «A despensa de Twyselton Manor é maior do que esta porcaria deste buraco.»

«Então, para que é que voltaste, querido?», perguntou a Pandora, a sua pretensa esposa.

«Porque, *ma femme*, os meus pais, essas pobres e ingénuas criaturas, estão a largar *mucho* papel para me manter aqui em Oxford a estudar mandarim.» Soltou a sua risada cavalgar, como se estivesse a relinchar. (Pelo menos, dentes de cavalo tem ele).

«Mas há mais de um ano que não vais a uma aula», disse a Dra. Braithwaite (já com licenciatura, mestrado e doutoramento).

«Mas os meus professores são todos uns homenzinhos tão chatos.»

«É uma pena, marido», disse a Pandora. «És o homem mais inteligente de Oxford e o mais preguiçoso. Se não tiveres cuidado, ainda acabas no Parlamento.»

Depois de ter atirado as malas de pele de porco já muito usadas para dentro do quarto, voltou à cozinha, onde a Pandora estava a cortar alhos-franceses, e eu estava a experimentar o meu novo desentupidor de ralos. «Então, queridos, novidades?», perguntou ele, acendendo um dos seus horrorosos cigarros russos.

A Pandora respondeu-lhe: «Estou apaixonada pelo Jack Cavendish, e ele está apaixonado por mim. Não é uma maravilha?» Fez um sorriso de orelha a orelha, extasiada, e continuou a cortar os alhos-franceses, mas com renovado vigor.

«O Cavendish?», perguntou o Julian, admirado. «Esse não é aquele velho que dá Linguística, um já de cabelo grisalho, que não consegue aguentar a pila dentro das calças?»

Os olhos da Pandora faiscaram perigosamente. «Ele jurou-me que, a partir de agora, o seu estilo de vida vai passar a ser estritamente monogâmico.»

Esticou o braço para tornar a pôr a faca na armação magnética, e a *T-shirt* curta subiu até ao seu delicado diafragma. Empurrei rancorosamente o desentupidor contra a sujidade gordurosa do lava-loiça, imaginando que era a cabeça do Cavendish que estava na ponta do cabo e não a ventosa preta de borracha.

O Julian relinchou acintosamente. «O Cavendish não sabe o que significa a palavra *monogâmico*. Toda a gente sabe que ele é um mulherengo.»

«Era», insistiu a Pandora, acrescentando: «E é óbvio que ele sabe o significado de *monogâmico*: é professor de Linguística.»

Deixei o desentupidor a boiar no lava-loiça e fui para o meu quarto, tirei o *Condensed Oxford Dictionary* da prateleira e, com a ajuda da lupa, procurei a palavra «monogâmico». Depois dei uma gargalhada bem sonora e cínica, com esperança de que fosse suficientemente sonora para a ouvirem na cozinha.

DOMINGO, 6 DE JANEIRO

Acordei às três da manhã e fiquei a recordar o dia em que eu e a Pandora fomos quase Até Ao Fim. Ainda a amo. Tenciono ser o seu segundo marido. E mais do que isso: ela há de ter o meu apelido. Vai ser a Sra. Adrian Albert Mole.

Ao Ver o Diafragma da Pandora

A linha gloriosa desde o tórax

Até à pélvis

Como um ilhéu

Uma baía

Um porto seguro

Quero navegar
Explorar
Ler nas estrelas
Percorrer cuidadosamente com os dedos
A linha de costa
E finalmente conduzir o meu navio, o meu
torpedeiro,
o meu barco de recreio,
Para dentro e para além do teu porto

6 da tarde. O lava-loiça continua entupido. Estive três horas a trabalhar na cozinha, a pôr as vogais na primeira parte do meu romance experimental *Olhai! As Colinas Planas da Minha Pátria*, que inicialmente escrevi só com as consoantes. Já passaram oito meses desde que o enviei a Sir Gordon Giles, o agente do príncipe Carlos, e que ele mo devolveu, sugerindo que acrescentasse as vogais.

Olhai! As Colinas Planas da Minha Pátria é sobre o homem do final do século xx e os seus dilemas, centrando-se num «Homem Novo» que vive numa cidade de província de Inglaterra.

O tema é tratado de uma maneira bastante lawrenciana, com um toque sombrio dostoiévskiano e alguns laivos de lirismo hardyesco.

Prevejo que um dia fará parte das leituras obrigatórias nos liceus.

Tive de sair da cozinha quando chegou o cinzeiro com pernas e rugas, o Cavendish, que tinha sido convidado para

o almoço de domingo. Ainda não tinha chegado há dois minutos e já estava a abrir uma garrafa e a tirar copos do armário. Depois sentou-se na *minha* cadeira, da qual eu acabara de me levantar, e desatou numa algaraviada sobre a Guerra do Golfo, prevendo que ia acabar dentro de poucos meses. Eu prevejo que seja o segundo Vietname dos Estados Unidos da América.

O Julian entrou na cozinha, de pijama de seda e com um exemplar da *Hello!* na mão.

«Julian», disse a Pandora, «apresento-te o meu amante, Jack Cavendish.» Voltou-se para o Cavendish e disse: «Jack, este é o Julian Twyselton-Fife, o meu marido.» O marido e o amante da Pandora deram um aperto de mão.

Fui-me embora enojado. Sou tão liberal e civilizado como qualquer outra pessoa. Aliás, em certos círculos sou até considerado uma pessoa de ideias bastante avançadas, mas até eu me arrepiei com a profunda depravação que havia naquela apresentação.

Saí do apartamento para ir apanhar ar. Quando, ao fim de duas horas, voltei do meu passeio pela Circular Exterior, o Cavendish ainda lá estava, a contar piadas enfadonhas sobre os seus muitos filhos e as suas três ex-mulheres. Aqueci o meu almoço de domingo no micro-ondas e levei-o para o meu quarto. Passei o resto do dia a ouvir gargalhadas na sala ao lado. Acordei às duas da manhã e não consegui tornar a adormecer. Enchi duas páginas A4 a imaginar formas de torturar o Cavendish. Não eram coisas de uma pessoa racional.

Torturas para o Cavendish

- 1) Acorrentá-lo a uma parede com um copo de água fora do seu alcance *por um triz*.
- 2) Acorrentá-lo todo nu a uma parede e pôr um grupo de raparigas lindas a passar por ele e a troçar impiedosamente do seu pénis ereto *mas flácido*.
- 3) Obrigá-lo a ficar sentado numa sala com o Ivan Braithwaite a ouvi-lo falar sobre os pormenores mais ínfimos dos Estatutos do Partido Trabalhista, em especial sobre o artigo 4.º. (Isto sei por experiência própria que é uma verdadeira tortura.)
- 4) Mostrar-lhe um vídeo do meu casamento com a Pandora. Ela radiante, de branco, e eu de cartola, casaca e luvas, com o dedo do meio das duas mãos espetado para o Cavendish.

O castigo tem de estar à altura do crime.

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JANEIRO

Hoje comecei a deixar crescer a barba.

Alguns dos tritões de Newport Pagnell atravessaram a estrada. Telefonei ao Peterson do Ministério dos Transportes a informá-lo. É óbvio que houve uma divisão na colónia. Cá para mim, deve ter sido tudo por culpa dum tritão fêmea: *cherchez la femme*.

QUARTA-FEIRA, 9 DE JANEIRO

Pela primeira vez na vida não tenho uma única borbulha, pústula ou ponto negro. Enquanto estávamos a tomar o pequeno-almoço, chamei a atenção da Pandora para a minha pele impecável. Mas ela parou de pôr o rímel, olhou para mim com frieza e disse: «Estás a precisar de fazer a barba.»

Passsei dez minutos às voltas com o desentupidor no lava-loiça antes de sair para o trabalho, mas em vão. A Pandora disse: «Precisamos de um homem como deve ser.»

Será que ela consegue aperceber-se do impacto que estas palavras, ditas com um ar aparentemente tão casual, tiveram em mim? Excluiu-me do meu sexo! Cortou-me os meus pobres e inúteis tomates!

QUINTA-FEIRA, 10 DE JANEIRO

O Brown aconselhou-me a fazer a barba. Recusei. Se calhar, vou ter de ir aconselhar-me junto do Sindicato da Função Pública.

SEXTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO

Inscrivi-me no Sindicato da Função Pública.

A Pandora descobriu as folhas A4 com a lista de torturas para o Cavendish. Marcou-me uma consulta com

uma tal Leonora De Witt, uma psicoterapeuta amiga dela. Aceitei, mas com relutância. Por um lado, tenho um medo terrível do meu inconsciente e do que ele irá revelar sobre mim. Por outro, estou desejoso de passar uma hora a falar sobre mim, sem interrupções, hesitações ou repetições.

SÁBADO, 12 DE JANEIRO

O mais recente ex-amante da Pandora, o Rocky (Big Boy) Livingstone, veio hoje cá a casa pedir que lhe devolvêssemos a miniaparelhagem. Achei que, com mais de um metro e noventa de altura e mais de noventa e cinco quilos de músculos bem torneados, o Rocky devia ser «um homem como deve ser». A Pandora não estava em casa, tinha ido encontrar-se com alguns dos filhos do Cavendish ao Hotel Randolph. Por isso, na ausência dela, devolvi-lhe a aparelhagem. Desde que ele e a Pandora acabaram, ele já abriu ginásios em Kettering, Newmarket e Ashby de la Zouch. Ele e a sua nova namorada, Carly Pick, continuam felizes e contentes.

O Rocky disse: «A Carly é um espetáculo, Aidy. Respeito-a muito, sabes?». Contei-lhe a história do professor Cavendish, e ele ficou enjoado.

Disse: «Aquela Pandora *usa* as pessoas. Lá porque é esperta, pensa que é...» Esforçou-se por encontrar a palavra certa e acabou por dizer: «...esperta.»

Antes de ir embora, desentupiu o lava-loiça. Fiquei-lhe infinitamente grato. Estava a ficar farto de lavar a loiça no lavatório da casa de banho. Nenhuma das panelas cabia debaixo das torneiras.

Fui à janela e fiquei a vê-lo ir-se embora no carro. A Carly Pick tinha os dois braços à volta do pescoço dele.

DOMINGO, 13 DE JANEIRO

O ultimato que deram para a Guerra do Golfo acaba no dia 15 à meia-noite. O que é que eu vou fazer se for recrutado? Vou ter uma prestação honrosa ou vou mijar-me pelas pernas abaixo assim que ouvir o barulho do fogo inimigo!

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JANEIRO

Fui ao Sainsbury's e abasteci-me de latas de feijão, velas, bolachas, fósforos, pilhas para a lanterna, paracetamol, multivitaminas, tostas e carne enlatada e pus tudo no armário do meu quarto. Assim, se a guerra chegar aqui, estarei preparado. As outras pessoas cá de casa que se arranjem. Prevejo que o pânico leve as pessoas a comprar de uma forma nunca vista neste país. Vai haver pancadaria nos corredores dos supermercados.

A consulta com a Leonora De Witt é a 25 deste mês, uma sexta-feira, às seis da tarde.

TERÇA-FEIRA, 15 DE JANEIRO

Meia-noite. Estamos em guerra com o Iraque. Telefonei para Leicester para a minha mãe e disse-lhe que pusesse o cão dentro de casa. Já tem doze anos e reage mal a barulhos inesperados. Ela riu-se e disse: «Estás maluco ou quê?» Eu respondi: «Se calhar, estou», e desliguei.

QUARTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO

Comprei dezasseis garrafas de água mineral, para o caso de o abastecimento de água ser cortado devido aos bombardeamentos da Força Aérea iraquiana. Tive de ir quatro vezes à loja, mas sinto-me mais seguro por saber que não irei ter sede durante o *Blitzkrieg* que se aproxima.

Há já uns dias que o Brown não me fala na barba. Anda preocupado com o impacto que a operação «Tempestade do Deserto» vai ter na vida selvagem do deserto. Eu disse-lhe que achava que a vida selvagem iraquiana estava do lado do inimigo e que estava mais preocupado com o meu cão que está em Leicester.

«Sempre provinciano, Mole», disse o Brown com um sorriso nos lábios. Fiquei bastante ofendido. O Brown não lê

nada a não ser revistas sobre vida selvagem, ao passo que eu já li a maior parte dos grandes escritores russos e estou prestes a embarcar no *Guerra e Paz*. Não me parece que seja nada provinciano, Brown!

QUINTA-FEIRA, 17 DE JANEIRO

Aluguei uma televisão a cores portátil para poder ver a Guerra do Golfo na cama.

SEXTA-FEIRA, 18 DE JANEIRO

O porta-voz das Forças Armadas dos EUA é um homem que diz chamar-se «Colon Powell». Cada vez que o vejo, penso em intestinos. Diminui a gravidade da Guerra.

SÁBADO, 19 DE JANEIRO

O Bert Baxter telefonou-me hoje para o emprego. (Vou matar a pessoa que lhe deu o número.) Queria saber quando é que «tu e a minha miúda preferida vêm visitar-me?». A «miúda preferida» dele é a Pandora. Porque é que o Bert não *morre* como os outros reformados? Não deve ter grande qualidade de vida. Não passa de um fardo para os outros (ou seja, para mim).

Não se mostrou minimamente agradecido quando fiz uma sepultura para o cão dele, o *Sabre*, no ano passado, apesar de eu desafiar quem quer que seja a cavar um buraco mais perfeito em terra tão dura como aquela com uma pá de jardinagem ferrugenta. Se tivesse uma pá decente, *naturellement*, a cova teria ficado mais perfeita. A verdade é que eu odiava o *Sabre* e tinha medo dele. O dia em que o maldito lobo-d'alsácia morreu foi um dia de alegria para mim. Deixei de ter de cheirar o seu bafo repugnante. Deixei de ter de lhe enfiar comprimidos à força por entre aqueles dentes horríveis e traiçoeiros.

O Bert continuou a gaguejar durante algum tempo sobre a guerra e depois perguntou-me se tinha ouvido o meu velho inimigo Barry Kent a falar de manhã no programa *Stop the Week*. Ao que parece, o Kent esteve a fazer publicidade ao seu primeiro romance, *Diário de Um Idiota*. Estou plenamente convencido de que Deus não existe. Fui eu que encorajei o Kent a escrever poesia e agora descubro que aquele atrasado mental daquele *ex-skinhead* escreveu um romance e *conseguiu publicá-lo!!!*

À noite, a Pandora disse-me que o Kent pôs o Ned Sherrin, o A. S. Byatt, o Jonathan Miller e a Victoria Mather a rirem à gargalhada, sem conseguirem parar. Ao que parece, as linhas telefónicas da BBC ficaram entupidas com ouvintes que queriam saber quando é que o *Diário de Um Idiota* ia ser publicado (é na segunda-feira). Foi a última gota. A minha sanidade mental está presa por um fio muito ténue.

DOMINGO, 20 DE JANEIRO

la a passar pela Livraria Waterstone's quando tive a sensação de ver o Barry Kent de pé na montra. Levantei a mão para lhe acenar e disse «Olá, Baz» e só depois é que percebi que o *skinhead* de sorriso afetado afinal era de cartão. A montra estava cheia de exemplares do *Diário de Um Idiota*. Não tenho vergonha nenhuma de dizer que me saltaram da boca uns quantos palavrões.

Quando folheei o livro, pequeno — diga-se de passagem —, reparei não só nas obscenidades de que está cheio, mas também no nome de uma das personagens, «Aiden Vole», que tem uma obsessão por questões anais. É xenófobo, profundamente conservador e um desastre com as mulheres. Esse tal «Aiden Vole» é, sem sombra de dúvida, uma caricatura ultrajante da minha pessoa. É uma difamação. Amanhã de manhã vou falar com o meu advogado — ainda tenho de arranjar um. Vou dar-lhe instruções para exigir uma indemnização de centenas de milhares de libras. Não consegui decidir-me a comprar um exemplar do livro. Ainda por cima ia contribuir para os direitos de autor do Kent? Mas, quando ia a sair, reparei no anúncio de que na próxima terça-feira às sete da tarde o Kent vai estar na livraria a ler excertos do *Diário de Um Idiota*. Não vou faltar. O Kent há de sair da Waterstone's de rastos. Hei de dar cabo dele.